

Ortodoxia, catolicismo e unidade no contexto do Vaticano II

Orthodoxy, Catholicism and unity in the context of Vatican II

*Paulo Augusto Tamanini**

Resumo: As comunidades cristãs dos primeiros séculos comungavam da ideia que a ECCLESIA era um corpo jurisdicional múltiplo e ordenado por uma teologia em construção, formado por comunidades locais. As palavras “ortodoxo” e “católico” não são apenas nomes, tão pouco um adendo ou um complemento, mas a essência que espelha o que cada fiel pensava de si. Usados indistintamente no Primeiro Milênio pelo Oriente e Ocidente, os qualificativos “ortodoxo” e “católico”, a partir dos primeiros cismas, eram aplicados com mais precisão para expressar identificações. O termo ‘católico’, no grego clássico, universal, era usado como substantivo e adjetivo e especificava uma das notas importantes da ECCLESIA. O presente artigo tem como objetivo, ao elucidar os conceitos de ‘ortodoxia, catolicismo, unidade e cisma’, à luz da Teologia Oriental, transpor para uma hermenêutica contemporânea de ecumenismo, o significado dos conceitos comuns entre as Igrejas Ortodoxas e Católica, em vista da retomada do Diálogo Teológico, iniciado após o Tomos Agape, entre os expoentes Oriental e Ocidental da mesma Ecclesia Universa.

Palavras-Chave: Ortodoxia; Catolicismo; Unidade; Vaticano II; Teologia Oriental.

* Professor de Mariologia, Espiritualidade e Escatologia no Centro Universitário Católica de Santa Catarina (Joinville-SC). Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Especialista em Teologia pela Escola Teológica de Kilikis – Grécia. paulo.tamanini@terra.com.br

Abstract: The Christian communities of the first centuries they share the idea that the Ecclesia was a multiple national body and ordained by a theology under construction, made up of local communities. The words “orthodox” and “Catholic” are not just names, so little an addendum or supplement, but the essence that mirrors what the faithful thought of you. Used interchangeably in the First Millennium by East and West, the adjectives “orthodox” and “Catholic” from the first schisms, were applied more accurately to express identifications. The term ‘Catholic’ in the classic, universal Greek, was used as a noun and adjective and specify one of the important notes ECCLESIA This article aims, to clarify the concepts of ‘Orthodoxy, Catholicism, unity and schism’ in the light Eastern theology, ecumenism transpose for a contemporary interpretation, the meaning of common concepts between the Orthodox Churches and Catholic, in view of the resumption of the theological dialogue, initiated after the Tomos Agape, between the Eastern and Western exponents of the same Ecclesia Universa

Keywords: Orthodoxy, Catholicism, Unity; Vatican II; Eastern Theology.

Introdução

No vasto mundo dos saberes e da produção de conhecimento, as generalizações conceituais por vezes explicam, mas podem também embaralhar e confundir a compreensão dos enunciados. Assim, é preciso entender que, da mesma forma que se convencionou chamar de “Igreja Oriental” o conjunto de igrejas cristãs, nascidas em território não-ocidental mas que nele se espalhou, os plurais saberes dogmáticos cristãos orientais que caracterizam diversas escolas teológicas, encontram-se catalogadas naquilo que compreende-se por “Teologia Oriental”. Logo, quando dizemos “Igreja Oriental” ou “Teologia Oriental” queremos contemplar e se referir à multiforme realidade do conhecimento teológico cristão oriental que explicam e legitimam suas igrejas particulares. Como não há uma só igreja Oriental não haverá também uma só teologia oriental.

Assim, em cada Igreja particular do mundo bizantino, grego, eslavo, siríaco ou etíope, unidas ou não entre si, o reconhecimento canônico e a legitimação se dão dentro de uma lógica e uma coerência e que se respaldam em pressupostos teológicos específicos.

Talvez, a existência de várias igrejas particulares e de suas conseqüentes teologias, somados ao forte sentimento de pertença do lugar de nascimento, expliquem as razões pelas quais por muito tempo foram difíceis e frustradas as tentativas de aproximações entre as Igrejas do Oriente e Ocidente. Paradoxalmente, as diversas discordâncias ou modos diferenciados de se ater sobre determinados assuntos, e por vezes, sem perspectiva de diálogo e de uma defesa previa, auxiliavam a criar mundos particulares numa Igreja que é, em sua natureza e essência, Universal.

Porque o Espírito Santo de Deus se presentifica e atua na Igreja de Jesus Cristo, após o Concílio Vaticano II e sobremaneira após a assinatura do TOMOS AGAPE, pelos Papa Paulo VI e Patriarca Atenagora I, expoentes e representantes das porções Ocidental e Oriental da ECCLESIA, possibilitaram que o aggiornamento proposto pelo lado latino da Igreja, extrapolasse as barreiras das precisões técnicas das palavras e conceitos teológicos e desse chance à novas hermenêuticas.¹ A nova maneira de se entender a(s) teologia(s) auxiliou perceber e a pensar que os irmãos que não estavam em comunhão entre si, não eram apenas alteridade, mas um desafio da fé abraçada a ser superado. Essa nova maneira de enxergar e de interpretar a existência das muitas igrejas particulares credenciou a que alguns conceitos teológicos pudessem se abrir, ser mais abrangentes e que outros fossem criados, capacitando que os hierarcas pudessem entender, apreender, escutar e ouvir as vozes que vinham de um lado como do outro, e poderem assim encontrar condições para o início de um mútuo conhecimento e que levasse a um diálogo.

Ainda que diferenciadas em pareceres, proposições e dogmas era preciso então que, com o intuito de se chegar a dar os primeiros passos de uma aproximação, que as teologias mais que jogar luzes sobre as diferenças, evidenciassem o patrimônio comum que as porções da mesma Igreja de Cristo tinham e, a partir daí, que os cristãos afastados da comunhão se reconhecessem como irmãos.² Como filhos de uma mesma ECCLESIA que se espalhou pelo mundo, e que soube

¹ WARE, Kalistos. **La Iglesia ortodoxa**. Buenos Aires: Fontes, 2002.

² MORINI, Enrico. **Os ortodoxos: o Oriente do Ocidente**. São Paulo, Editora Paulinas, 2005.

dele absorver os elementos culturais, tornou-se meta que o amor, o perdão e respeito recíprocos testemunhassem uma unidade querida, desejada, mas de difícil realização, a partir de dentro para fora. Pois a unidade entre os irmãos acontece primeiro no coração e não depois de assinaturas, carimbos e chancelas.

Para além dos limites geográficos e de territórios, a percepção de se crer e pertencer à Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica pode reinaugurar o sentimento de uma mesma identidade eclesial, malgrado as especificidades, e ir em busca daquela primeira fonte. Muito se frisou que era preciso que as Igrejas retornassem à fonte e aos pressupostos teológicos do Primeiro Milênio quando naquele tempo se experimentava viver em comunhão. No Primeiro Milênio da Igreja indivisa, a diversidade era percebida qual manifestação da pluralidade ritual, litúrgica e teológica de uma mesma Ecclesia em comunhão.

Contudo, ainda hoje, os que encabeçam o movimento de aproximação, sabem, no entanto que o tão desejado modelo de unidade vigente no Primeiro Milênio do cristianismo, não estava livre das contendidas, dos embates, das discussões. O que per si não descredenciava os pressupostos de unidade vividos naquele tempo e contexto eclesial. A diversidade teológica e pastoral das igrejas particulares não era impedimento exclusivo para que o Oriente e o Ocidente vivessem em comunhão. Mais que repetir aquele modelo, em pleno século XXI, chegou-se à conclusão no Vaticano II que era preciso buscar formas mais sólidas de convivência e de respeito entre os irmãos. Em decorrência, pensava-se em reformulação dos currículos de formação dos seminários, com vistas a preparar os novos sacerdotes num espírito ecumênico e de fraternidade.

Voltar à fonte significa olhar as Teologias como uma realidade acadêmica decorrente e que se espelha das mensagens do Evangelho e redescobrir que a Palavra de Deus, a Boa Nova e a Tradição (Patrística grega e latina) são o fundamento ao redor do qual a eclesiologia e a dogmática giram e são explicadas.³ Sem a mística, sem a oração e sem a Palavra de Deus, corre-se o risco de passar pela Teologia

³ RIBICHINI, Sérgio. Sulle tracce del mito. Dei ed eroi greci, tra archeologia e storia delle religioni. IN.: *Archeo*, n. 226, Abril 2007. Roma, Itália

como meros espectadores da graça, sem a possibilidade de senti-la ou experimentá-la. Logo, os saberes teológicos são desdobramentos dessa relação e não a mola propulsora que tudo elucida e não a pedra angular, pois ela é o Cristo.

Entre as Igrejas cristãs protomilenares do Oriente e Ocidente, defender que uma é mais verdadeira, mais válida do que a outra é marcar passo, é sublinhar metas já superadas e ignorar a ação do Espírito Santo que tudo renova, refaz e faz reviver. Retornar a fonte e volver a essência é antes de tudo, mais do que saber, é sentir que todos os cristãos, em suas porções orientais e ocidentais são irmãos consanguíneos porque filhos do mesmo Pai, e da mesma Mãe, a Igreja Universal.

1. O que é a *Ecclesia Universalis*?

Oriente e Ocidente para além de designar distintos espaços, por certo são demarcações geográficas por onde pulsam modos culturais, saberes e maneiras de agir e que muito influenciam os que lá estão circunscritos. Logo, dentro dessas porções descansam especificidades, diferenças.⁴ E o que diz a comum Patrística sobre a ‘Igreja’?

EKKLESIA em grego, e ECCLESIA em Latim, é o termo usado por Clemente (século II), em sua Primeira Carta para se referir à comunidade dos santos, dos eleitos de Deus que foram convocados pelo Senhor para a Assembleia. Para ele, a Igreja é a Assembleia dos convocados, dos chamados pelo próprio Cristo.⁵ Logo, a Igreja é um mistério de Comunhão que se espelha no mistério da Santíssima Trindade para se legitimar e se explicar. Mas se ela é uma Assembleia dos convocados, é também o lugar dos que respondem esse chamamento, unidos em um conjunto de crenças, normas, disciplinas etc.

A Assembleia dos convocados não foi única, não se deu em um só lugar. Em vários lugares, homens e mulheres ouviram e sentiram

⁴ MORINI, Enrico. **Os ortodoxos**: o Oriente do Ocidente. São Paulo, Editora Paulinas, 2005.

⁵ FOUILLOUX, Etienne. Iglesias orientales católicas y uniatismo. In: - **Revista Internacional de Teología Concilium**. - Madrid : Verbo Divino,1996.

o chamado de Cristo pela boca e ação dos santos apóstolos e se propuseram a responder a essa convocação. Assim, as primeiras comunidades cristãs eram uma resposta concreta ao chamado de Cristo feito pela boca e ação dos apóstolos que partiam em missão. Pedro, fundou a Igreja de Roma; e junto com Paulo, a de Antioquia; Marcos a de Alexandria; André a de Constantinopla; Barnabé a de Chipre; Mateus a de Etiópia; Tomé a da Índia; Tadeu a de Edessa; Bartolomeu a da Armênia; Simão, o zelote, a da Geórgia.⁶

Uma vez formada a comunidade dos convocados, os homens e mulheres chamados, ouviam a Palavra, repartiam e comiam o pão entre si e compartilhavam o pouco que tinham. Aos poucos, conforme a demanda se organizavam em diaconias, em estruturas hierárquicas, para formar uma comunidade de serviço. Em nível local, cada igreja particular se autorregulava sendo dirigida espiritualmente pelo cabeça, pelo 'protos', que ministrava o sacramento da Ordem.

Foi Inácio de Antioquia (a 70) quem estabeleceu precisamente a existência dos três graus da Ordem. Sendo a pessoa do bispo a figura da unidade, o protos local, os fieis por ele rezavam enquanto guiado pelo Espírito Santo cuidava zelosamente pelo rebanho que Deus o confiou. Quem garante a unidade da Igreja é o Espírito Santo, dizia S. Irineu, pois ele concede aos bispos e sucessores a posse da verdade. Diz Santo Irineu: quem recusa os bispos, recusa a Igreja e conseqüentemente o Espírito Santo. Também São Cipriano via na pessoa do bispo, a garantia de unidade. Assim como Deus é um, a Igreja também é Uma e a cátedra é uma, aquela fundada pelo próprio Pedro.⁷ Contudo, a sede de Pedro não é exclusivamente a romana, pois cada bispo tem em sua cátedra, a cadeira de Pedro. E como cada apóstolo era aquilo que Pedro era, ou seja Bispo, cada bispo é no mundo o que Pedro significava.

Se Cristo instituiu a Igreja sobre a Pedra, sobre a fé professada por Pedro na pessoa de Jesus Cristo, como Senhor e Deus, foi a História e os arranjos humanos quem instituíram as organizações tais como o Papado e o Patriarcado e que formatou o exercício da primazia.

⁶ Ibidem.

⁷ HAMMAN, Adalbert-gauthier. *Études patristiques - Méthodologie, liturgie, histoire, théologie*. Beauchesne Éditeur, 2012.

Primazia esta decretada no Concílio de Niceia, no canon 6, e hoje reconhecida tanto pela porção Oriental e Ocidental da mesma igreja, mas questionada em sua hermenêutica prática, e que, segundo os últimos Papas, em prol da Unidade, deve ser revista. É sabido que a organização do papado como estrutura monárquica centralizada foi instituída a partir do pontificado de Gregório VII, em 1078. Durante o 1º milênio do Cristianismo, o primado do bispo de Roma era exercido de forma mais colegial e a Igreja toda era mais sinodal.

2. O que os termos “ortodoxo” e “católico” querem dizer ?

As palavras “ortodoxo” e “católico” não são apenas nomes, tão pouco um adendo ou um complemento, mas a essência que espelha o que cada fiel pensava de si. Usados indistintamente no Primeiro Milênio pelo Oriente e Ocidente, os qualificativos “ortodoxo” e “católico”, a partir dos primeiros cismas, eram aplicados com mais precisão para expressar identificações. O termo ‘católico’, no grego clássico, universal, era usado como substantivo e adjetivo e especificava uma das notas importantes da ECCLESIA.⁸ Tem-se registros que Inácio e Policarpo no século II usavam tais palavras para designar a mesma Igreja. Já no século IV os termos estavam consolidados. O “ortodoxo” aparecia também para designar a fé correta da ECCLESIA, em contraposição ao surgimento de doutrinas que iam de encontro à heterodoxia ou pseudodoxia, passando a ser sinônimo de desvio da doutrina cristã, no IV século. Os defensores da fé cristã, como Irineu e Clemente são chamados de “embaixadores da ortodoxia da igreja”.

Logo, se a Igreja cristã protomilenar de porções oriental e ocidental defendia uma origem cuja fundamentação valia-se tanto da catolicidade quanto da ortodoxia de uma mesma ECCLESIA, com os cismas, cada parte outorgava ao anterior consorte uma outra gênese, retirando dela uma dessas características. Com a formalização do cisma de 1054, os ocidentais identificavam os cristãos orientais por

⁸ MORINI, Enrico. **Os ortodoxos**: o Oriente do Ocidente. São Paulo, Editora Paulinas, 2005.

“acatólicos”, enquanto esses apontavam os primeiros como heterodoxos, fazendo perder por completo o sentido de pertença a uma única Igreja. A intenção de exclusivismo da “catolicidade” e da “ortodoxia” passou a ser disputada como uma nota de identificação ou prerrogativa de dois corpos canônicos que não se alinhavam mais em seus dizeres e tão pouco se viam como partes constituintes da mesma ECCLESIA. Logo, com o desdobramento das separações, a porção Oriental da Igreja de Cristo apregoava-se o termo “ortodoxa” e a do Ocidente defendia a prerrogativa de ser “católica”. Pode-se pensar então que por de trás das terminologias há um construto, um percurso, uma trajetória de feitura que deixa rastros por vezes indelévels, conduzindo justificativas para instalar preconceitos confessionais.⁹

3. A pentarquia: uma Igreja de igrejas

As comunidades cristãs dos primeiros séculos comungavam da ideia que a ECCLESIA era um corpo jurisdicional múltiplo e ordenado por uma teologia em construção, formado por comunidades locais. A partir deste pressuposto as grandes Sés Apostólicas, constituíam os assim chamados patriarcados: cinco grandes patriarcados, quatro deles estabelecidos no Oriente (Constantinopla, Alexandria, Antioquia e Jerusalém) e um no Ocidente (Roma), dando forma jurisdicional à Igreja cristã protomilenar, unidas pela profissão de dogmas e próximas pelos ritos e celebrações, instituídos pelos Concílios Ecumênicos. É preciso dizer, porém que, o título hierárquico de ‘Patriarca’, bispo responsável por um Patriarcado, originalmente não era cristão, pois era dado pela legislação do império romano à suprema autoridade religiosa que vivia no império. Somente quando, em 429, esse cargo foi oficialmente abolido, começaram a ornar-se dele os bispos cristãos que eram responsáveis por uma área nobre do império.¹⁰

⁹ MORINI, Enrico. **Os ortodoxos**: o Oriente do Ocidente. São Paulo, Editora Paulinas, 2005.

¹⁰ HAMMAN, Adalbert-gauthier. *Études patristiques - Méthodologie, liturgie, histoire, théologie*. Beauchesne Éditeur, 2012.

O modelo pentárquico bizantino abriu caminho para que as Igrejas particulares de Roma, Constantinopla, Alexandria, Antioquia e Jerusalém, exercessem sua primazia cada qual em seu território e em comunhão. A ideia do modelo de gerência da Igreja através de cinco Patriarcados mantinha-se centrada numa visão de governança pela colegialidade, onde Roma no Ocidente e Constantinopla, no Oriente, eram consideradas Sés Primaciais de igual importância, por serem capitais do império. (Cf II Concílio Ecumênico de Constantinopla.)

Na Pentarquia explicitava-se que cada líder eclesiástico, antes de ser Papa, Patriarca, Arcebispo, Metropolita, era bispo como todos os outros porque tinha a mesma dignidade sacramental. A ordem de precedência entre os iguais não era justificada pelo episcopado, mas pelo lugar que ocupava dentro do organograma de gerência que, aos poucos foi sendo estabelecido e explicado pelo prisma subjetivo e histórico.¹¹

O cisma entre Roma e Constantinopla se pôs fim à Pentarquia, (já transformada de fato em diarquia: a Sé latina e a Sé bizantina) também pôs um ponto final ao comprometimento de se manter à colegialidade e sinodalidade da Igreja, substituindo por uma poder verticalizado, monárquico e, não raras vezes, despótico, tanto no Ocidente quanto no Oriente.

4. A memória: do cisma datado ao cisma psicológico

Como a Igreja não permaneceu canonicamente unida, após 1054, as duas porções (ocidental e oriental) do cristianismo, passaram a

¹¹ O Patriarcado de Roma explica sua primazia sobre as demais, baseada no texto bíblico em que Pedro sendo chefe dos discípulos, fora martirizado, junto com o apóstolo Paulo nas arenas romanas - o que arqueologicamente fora comprovado pela arqueóloga Margherita Guarducci quando iniciou as escavações nas grutas vaticanas em 1952. Sobre seu trabalho ver: FALASCA, Stefania. Onde está Pedro? In: **Revista 30 Dias** na igreja e no mundo. Ano V, N 2, fevereiro de 1990, p. 40-45. Alexandria e Antioquia reivindicaram sua fundação por obra do Evangelista Marcos, discípulo de São Pedro. Jerusalém atesta sua fundação apostólica graças ao trabalho missionário de Tiago, *irmão do Senhor*, junto com Pedro e João. Constantinopla elaborou a narrativa segundo a qual André, em uma de suas passagens por Bizâncio teria sagrado bispos na região para dar continuidade à evangelização. Cf. MORINI, Enrico. **Os ortodoxos**: o Oriente do Ocidente. São Paulo: Paulinas, 2005, 48.

ser observadas como estâncias sectárias o que facilitou construir imagens de si e do outro pela diferenciação, repercutindo em formas distintas de os fieis de cada realidade eclesial experimentarem, sentirem e postarem-se diante do outro. Inclusive, fazendo-se acreditar que as igrejas do Oriente e do Ocidente não tivessem a mesma data de nascimento: ou seja, no Pentecostes. Dizer que tal Igreja surgiu, apareceu ou foi criada em 1054, no mínimo é descredenciar e ignorar a História eclesiástica, porque tanto as porções ocidental e oriental são partes intrínsecas da mesma Igreja de Cristo, uma vez que nasceram no mesmo dia de Pentecostes, guardam ainda da mesma sucessão apostólica e administram os mesmos sacramentos, com a mesma validade e sacralidade. O que entra em questionamento, por vezes, é se é lícito ou não ministrar um sacramento válido em território canônico específico, sem a devida observação dos códigos e preceitos.¹²

A mesma gênese, contudo, não foi suficientemente forte para um mutuo reconhecimento ou respeito, sobretudo após 1054. Por caminharem de forma diferente, as porções latina e grega da ECCLESIA pareciam destinadas a serem cada vez mais distintas, apesar de realizarem ritos que expressassem verdades teológicas comuns. A ortodoxia e o catolicismo, deixavam de ser sinônimo para se transformar antônimo de um pertencimento qual peso de um dogma. Os dogmas para além de verdades instituídas, no seu nascimento, em sua gênese, são discursos resultantes do entrelaçamento e da interação do pensamento de várias vozes, por isso sempre novo, já que o dogma só passa a existir após a confrontação de proposições: o embate não é só gerador de morte, mas cria condições para que venha à luz o novo. Quando nasce o dogma, no mesmo instante se decreta o nascimento da heresia.

Os concílios ao aprovar ou reprovar enunciados sistematizavam o conteúdo do que deveria ser uma fé, ao mesmo tempo que construía parâmetros para apontar aonde estava a heresia. Os que seguiam os dogmas perpetrados pela oficialidade eram considerados

¹² POUDERON, Bernard; DUVAL, Yves-Marie. *L'historiographie de l'Église des premiers siècles*. Beauchesne Éditeur, 2012.

corretos, dignos de deferência, incluídos em um corpo canônico-ju-
rídico, passíveis de usufruir das benesses advindas de um especial
pertencimento. Da outra ponta, os que eram apontados como autores
de inverdades, recebiam o selo da apostasia, do sectário, do sequaz,
do fanático e estremado, provocadores de desordens, por isso mere-
cedores da maldição.

Verifica-se então que os estigmas têm um percurso de proposição,
formulação, legitimação e, por fim, de perpetuação que é alimentado
por um discurso e reminiscências. O funcionamento do estigma como
um dispositivo de poder e de formação de memória, na igreja do Oriente
e do Ocidente, ancorou comportamentos e atitudes de acolhimento dos
pares ou de rejeição do diferente, já que ao ser proferido, sentimentos
emergiam do passado ganhando outros tons e consistência.

O sentimento de ser inferior vai sendo apropriado pelos mem-
bros do grupo excluído, pela mediação de palavras ou termos que
são simbolicamente depreciativos. Entre cristãos ortodoxos e ca-
tólicos, ser considerado *cismático*, *herege*, *excomungado* ou *sepa-
rado* coloca o outro e a comunidade de fé a que está vinculado em
posição inferior, fragilizando-os social e religiosamente. Aqueles
que estigmatizavam se consideram melhores, mais nobres, dignos
de deferência, dotados de uma relação grupal sólida cristalizada
pelos dogmas perpetrados e por crerem trazer consigo a pureza
da fé apostólica.

Tanto católicos quanto ortodoxos quando trocavam acusa-
ções e se rivalizavam, alteravam-se os papéis de estigmatizados
e estigmatizadores cada um dentro de uma lógica. Se, nas igrejas
particulares ortodoxas e católica a veiculação sistemática de se
dizer a única Igreja nascida da vontade de Cristo, colocava a outra
em posição inferior, já que dela se pregava ser resultante de um
cisma ou de uma traição.

Havendo várias versões sobre a ruptura e o seus desdobramentos,
existirá de igual modo relatos diferentes, explicações para o fato e
contribuem para reconstruir o passado, em suas inúmeras vertentes.
Essas narrativas disputam pela versão oficial das da Ortodoxia e do
Catolicismo numa historiografia bastante turbulenta que auxiliam

compreender como se reproduzem em demasia modos outros de apreensão do passado.

Se a porção ortodoxa privilegiava as narrativas que melhor lhe convinha, da mesma forma fazia a porção católica. E isso se dava porque entrava em cena e no jogo das escolhas a subjetividade e a conveniência de quem conduzia a narrativa, numa tentativa de auto-defesa, autoproteção e guardar incólume uma legitimidade que não poderia ser mais compartilhada.

A ruptura entre católicos e ortodoxos, fortemente ligada ao cisma de 1054, tornou-se objeto a ser analisado e compreendido dentro da dinâmica da memória que se desdobra pelo tempo. Não o tempo racionalizado, da precisão centesimal, da medida absoluta da física ou da matemática, não o tempo preso às grades do cronômetro arquitetado pelas ciências exatas, mas aquele, móvel, de difícil mensuração e que se alastra pelos sentidos, que se estende sem se preocupar com a duração e que reside na memória. Quanto mais presos se estiver aos detalhes do passado, mais perene ele se torna no presente, até porque, o presente dura enquanto a vida permanece, mesmo que ela seja a do pretérito que esqueceu de morrer. Assim, o cisma datado encontra novos calendários, novas datas, para sobreviver e destilar sua letalidade. O cisma psicológico, aquele que usa dos fatos do passado para se justificar, não é capaz contudo de abonar o presente com o perdão e o esquecimento.

Logo, é compreensível que durante muito tempo houve dificuldade entre ortodoxos e católicos em compreender o passado com mais largueza e desprendimento uma vez que estavam presos às dores e inconformismos gerados pelas consequências de relações nada amistosas e às acusações recíprocas. Tanto ortodoxos e católicos, na tentativa de justificar os embates, buscavam na memória instantes congelados, retirando deles os possíveis responsáveis. Como no leque que se abre, as imagens de perseguições, acusações, afrontamentos vinham a luz, não deixando que o tempo sequer desbotasse seus registros.

Diante do exposto, é possível dizer que os estranhamentos entre as instituições ultrapassam a precisão de dados para estar fortemente ligada ao grau de intensidade que legitima e explica as memórias de

si. E isso não garante a coincidência dos motivos para uma ou para outra! O tempo e os marcos temporais desenham feições de identidades e de instituições.

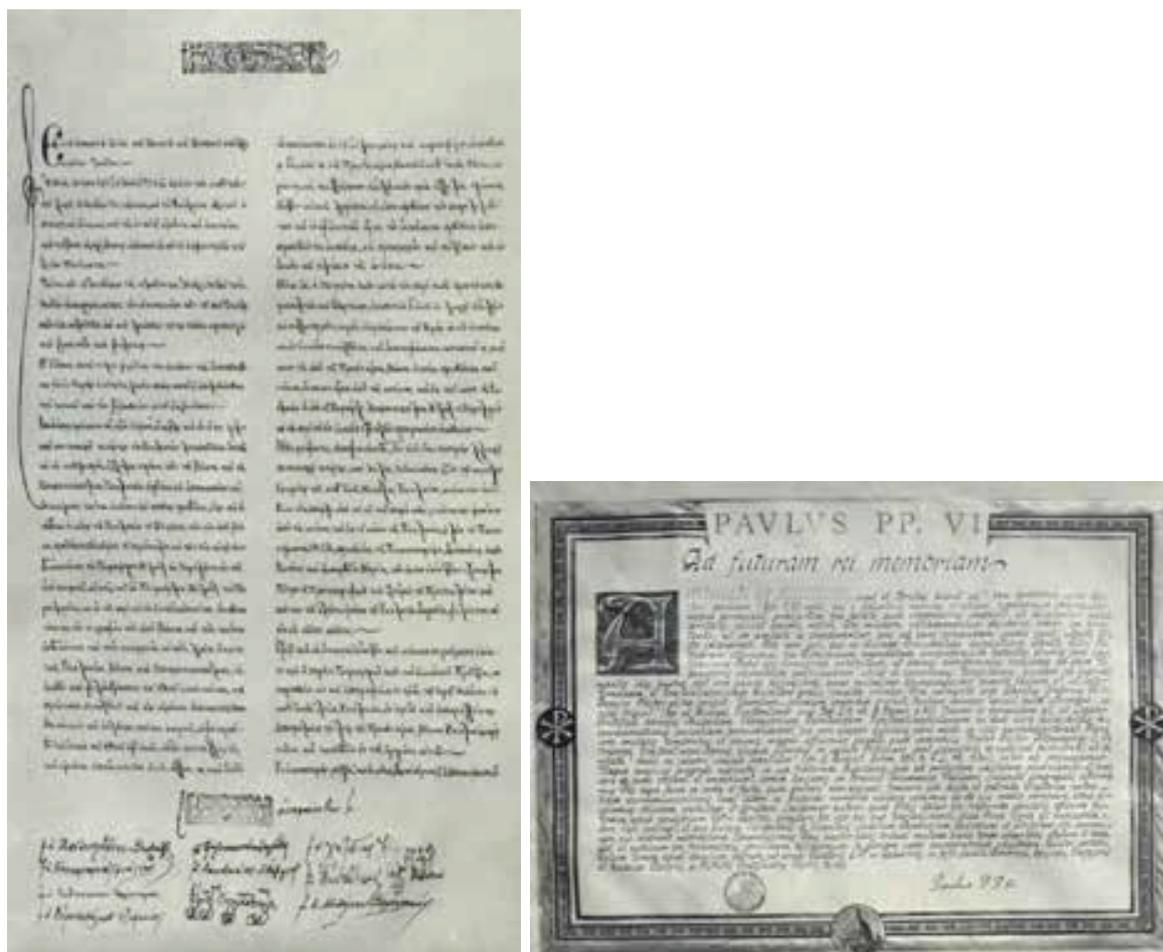
5. A Declaração e o Ícone da unidade: entre a memória e o desejo do esquecimento

Após o Concílio Vaticano II, embora a relação institucional entre ortodoxos e católicos fosse guiada por um discurso de retorno à unidade, sobrevivia em muitas regiões aquele do estranhamento regado por uma memória da desconfiança. Relações nada amistosas, baseadas em resquícios de memória e na repetição do instituído, norteavam comunidades de fé que se mostraram eficazes agentes e construtores de identidades tomando por referência seus modelos e critérios, gerando o lugar do outro e os rotulando de maneira pejorativa.

O documento intitulado Declaração mútua do levantamento das excomunhões entre a Igreja Católica e Ortodoxa expressava uma vontade que se materializou de forma protocolar, operando um diálogo que há muito estava embargado.¹³

Palavras escritas, frases cuidadosamente pensadas inferiam que a partir dali a memória teria que ancorar-se em novos substratos, quando fosse se referir a relação entre as porções Oriental e Ocidental da mesma Igreja. O documento, emoldurado pelos selos e carimbos, ganhou assinaturas dos então responsáveis pelas porções oriental e ocidental de uma mesma igreja. Frágeis folhas de papel despiam-se aos olhos de quem as lessem, deixando a mostra a forma como cada qual se estruturava orgânica e dogmaticamente.

¹³ BINNS, John. *Las Iglesias del Oriente*. Madri: Ediciones Akal, 2009.



Réplica da Declaração mútua do levantamento das excomunhões entre a Igreja Católica e a Igreja Ortodoxa, 1965. Acervo da Biblioteca de Tessalônica. Grécia, 2000.

Afora as especificidades do idioma (grego e latim) e da dimensão vertical e horizontal do papel, o número de assinaturas expunha indícios que perpassavam apenas forma, tamanho e teor, para tornar-se expressão de realidade de organização eclesial. Enquanto a Declaração latina fora subscrita por quem impostava a primazia (Papa), na grega a colegialidade deixava registrada uma decisão tomada em comum, pelos 12 hierarcas bizantinos, perfilados um abaixo do outro e que vinha posterior à assinatura do Patriarca, como sinal de distinção. À Declaração orbitavam modos de concepções diferentes e que não poderiam ser obliterados em nome de um compromisso institucional. O conteúdo da declaração informava, dizia, prometia e protocolava uma intenção, um desejo. Ao entorno

dela, outras mensagens se insinuavam, pretensiosamente ou não, reafirmando-se em proposições inegociáveis.¹⁴

Um documento assinado, rubricado, carimbado, escrito nos idiomas oficiais de cada instituição, para não deixar dúvidas sobre o teor da mensagem, se instituiu em registro de um desejo e de uma aspiração daquele agora que não se perpetuou. Posteriores àquela, outras assinaturas apareceram em novos documentos, outras chancelas firmaram compromissos de intenção, de vontade, mas que esbarraram nos emaranhados caminhos das revisões e inspeções capazes de anular o que foi subscrito, protelando decisões para um porvir que nunca chegou.¹⁵

Embora houvesse sua assinatura, tanto Paulo VI quanto Atenágoras não eram a Igreja do Ocidente e do Oriente, respectivamente; eram seus representantes naquele agora. Como todos, eles pereceram e suas instituições permanecem e continuam assinando, protocolando novos desejos, novas intenções, após encontros, reuniões. Hoje, ainda caminham a passos lentos rabiscando uma meta, buscando a cada assembleia não ferir suscetibilidades. Talvez por isso, neste caso, os meandros do escriturístico e da formalidade quase que imobilizam passos mais apressados, quando está em pauta o retorno à comunhão entre católicos e ortodoxos.

Para celebrar e monumentalizar aquele agora desejoso por esquecer motivos que promoveram a ruptura entre cristãos, para além dos documentos firmados, pensou-se um registro imagético que falava por si. No ícone da unidade, o discurso e vontade de unidade ganhavam expressões, cores, sensibilidade. Assim, o desejo de unidade se espalhou para um enunciado que ganhou sentido, forma e abrangência

¹⁴ BINNS, John. **Las Iglesias del Oriente**. Madri: Ediciones Akal, 2009.

¹⁵ Diálogo na caridade (Roma,1967); Diálogo Teológico (Roma,1979); *Eclesiologia e sua relação com o Mistério da Eucaristia e da Santíssima Trindade* (Grécia, 1981); *Fé, Sacramentos e a unidade da Igreja* (Bari, Itália, 1987); *O Sacramento da Ordem na Estrutura Sacramental da Igreja* (Valamo, Finlândia, 1988); *Uniatismo: Métodos da União no passado e no presente na busca da Comunhão Plena* (Balamand, Líbano, 1990). *A Eclesiologia e as implicações canônicas do Uniatismo* (EUA, 2000). *A Eclesiologia e as conseqüências canônicas da natureza Sacramental da Igreja: Conciliaridade e autoridade na Igreja, em três níveis da vida da Igreja: local, regional e universal* (Belgrado, 2005); *Encontro em Ravena* (Itália, 2007); *O Primado* (Suíça, 2010).

universais, através da assinatura do documento de levantamento das excomunhões entre as Igrejas de Roma e de Constantinopla.¹⁶



Ícone da unidade. 1968.

O ícone da unidade, pensado para marcar o recomeço do diálogo teológico entre a Igreja de Roma e Constantinopla, informa sobre quais proposições as porções da Igreja do Oriente e Ocidente entendiam o retorno de uma experiência vivida no primeiro milênio.¹⁷

¹⁶ BINNS, John. *Las Iglesias del Oriente*. Madri: Ediciones Akal, 2009.

¹⁷ BINNS, John. *Las Iglesias del Oriente*. Madri: Ediciones Akal, 2009.

O ícone se deixa ver, imaginar, interpretar, combinando evidências e hipóteses. No panorama textual do ícone da unidade, Cristo ocupa o lugar de predileção e de predominância entre os chefes hierárquicos; abaixo dele, num mesmo nível, estando de pé sobre a soléia de cor púrpura, indicando que ante seu poder divino todos os outros instituídos pelos homens se relativizam. Enquanto abençoa os expoentes de cada igreja, ambos abrem os braços em atitude acolhimento. Importante observar que o papa Paulo VI não está usando sua habitual cruz peitoral; o que repousa sobre sua murça é o distintivo episcopal próprio dos bispos ortodoxos que acabara de ganhar de seu irmão do Oriente o Patriarca Athenágoras.

Ao usar a insigne episcopal dos bispos ortodoxos, a imagem quer mostrar que Paulo VI é tão bispo quanto todos os outros, e que reconhece o episcopado e a sucessão apostólica dos irmãos do Oriente. A posição estratégica dos dois hierarcas em relação ao Cristo tem forte carga simbólica e indica com que espírito ambos desejavam seguir no caminho do restabelecimento da unidade. A imagem recria uma atmosfera que sugere confiança, protagonizando gestos novos, sem tensão ou estado de alarme, inclinado a construir enunciados que minimize uma memória de denúncias e incompreensões, até silenciá-la, em prol de uma promissora trajetória.¹⁸

Dentro do contexto de se buscar um caminho de diálogo das duas porções da mesma Igreja, era prudente em nome de uma futura reconciliação, que se abafasse os ruídos e se emudecesse os embates das diferenças. A memória suavizada e desfocada de registros de acusação rendia-se frente ao convite do apagamento, ou pelo menos do desbotamento momentâneo. Assim, os expoentes da ortodoxia e do catolicismo deixaram registrados, através da imagem iconografada, um desejo, um sonho e uma intenção.¹⁹ Naquele momento, onde o desejo por uma reconciliação suplantava uma memória ferida e congelada, construía-se um agora que, a seus olhos poderia perpetuar-se. O ícone da unidade não veio à luz solitário, nem imediatamente à assinatura

¹⁸ ALBERIGO, Giuseppe. *Les Églises après Vatican II*. Dynamisme et prospective. Paris: Beauchesne Éditeur, 2012.

¹⁹ *Ibidem*.

do documento que suprimia as excomunhões entre a Igreja Ortodoxa e Católica; entre eles havia um hiato, um espaço de tempo, um tempo de maturação.

O fato de as excomunhões terem sido revogadas em 07 de dezembro de 1965, pelo Papa Paulo VI de Roma e pelo Patriarca Atenágoras de Constantinopla, não anulou as consequências da separação entre as duas Igrejas e que se arrastam, por vezes, até os dias de hoje, sentidas nas grandes e pequenas comunidades eclesiais de ambas as instituições, produzindo desentendimentos, desacordos e intolerâncias entre os fieis e os hierarcas. Logo, purificar a memória não é esquecer, mas transformar em uma narrativa de conversão do passado, até “porque não precisa de perdão o que se está esquecido”. Se perdoar não é apagar as lembranças, “o que deve ser destruído é a dívida” que “paralisa a memória e, por extensão, a capacidade de se projetar de forma criadora no porvir”. O processo interpretativo e as configurações de sentido que se reveste o passado das porções oriental e ocidental de uma só igreja torna-se matéria prima privilegiada para as Teologias e escolas teológicas do tempo presente. Apesar da produção sistemática de documentos, de reuniões, de comissões há ainda receios, medos, desconfianças.

Por outro lado, há exemplos de solidariedade, respeito mutuo, e de partilha, principalmente quando os irmãos se unem para lutar por causas humanitárias. Por a Igreja não ser uma ONG, nem tão pouco uma instituição filantrópica, sendo casa de Deus e da união dos irmãos, aqui no Brasil, tornou-se tradição, na Semana de Unidade entre os Cristãos, partilhar a Palavra, e um esforço de mútuo conhecimento, entre ortodoxos e católicos.

6. Mas quem são e onde atuam os cristãos ortodoxos no Brasil?

Discorrer sobre a atuação pastoral e presença das Igrejas Ortodoxas no Brasil é um desafio, dado que cada Eparquia, ainda que em comunhão, se organiza de modo autônomo. Como todo o continente Americano é considerado território canônico do Patriarcado Ecumênico, a atuação pastoral dos demais Patriarcados em solo brasileiro, é explicado e se baseia no atendimento exclusivo às comunidades de

diáspora. Assim, o trabalho missionário em solo brasileiro caberia em primeiro lugar à Arquidiocese Ortodoxa de Buenos Aires e América do Sul, cuja sede está na capital da Argentina. Contudo, observa-se que o acolhimento de fieis brasileiros à ortodoxia também se dá pela atuação de clérigos da Arquidiocese Ucraniana, Antioquina, Russa, Polonesa e Sérvia. Se esta realidade, para alguns é vista como uma intromissão, para outros, é considerada o cumprimento do mandado do Senhor de ir e Evangelizar.

Enquanto a Eparquia Ucraniana (Patriarcado Ecumênico), a Arquidiocese Antioquina (Patriarcado de Antioquia), a Arquidiocese Polonesa (Patriarcado da Polônia) têm seus Bispos residentes no Brasil, o Exarcado Patriarcal e Arquidiocese Grega (Patriarcado Ecumênico), assim como as Arquidioceses da Rússia (Patriarcado de Moscou) e da Sérvia (Patriarcado da Sérvia), têm suas sedes arquidiocesanas fixadas em Buenos Aires, na Argentina. O que, por vezes, dificulta um trabalho mais próximo e recorrente dos Bispos junto ao seus sacerdotes.

O Sul e o Sudeste do Brasil são as regiões contempladas com o maior número de Paróquias e padres ortodoxos. O número de sacerdotes incardinados nas dioceses ortodoxas não chega a cem, dos quais a maioria é casado; o clero celibatário e monástico é reduzido. Do número total de clérigos, os de nacionalidade brasileira tem predominância, se subdividindo em duas categorias: 1) brasileiros de descendência étnica dos imigrantes da diáspora; 2) brasileiros sem nenhum vínculo étnico em relação à Eparquia nas quais estão incardinados. Por isso é comum que os primeiros preocupam-se em manter as tradições culturais étnicas e religiosas, enquanto os demais estão mais propensos a uma abertura pastoral de inclusão.

De toda forma, brasileiros ou estrangeiros, os estudos e a formação dos presbíteros são dadas no exterior, nos países que sedeiam seus respectivos Patriarcados ou Sedes Metropolitanas que oferecem Graduação e Pós-Graduação em Teologia Ortodoxa: Estados Unidos, França, Alemanha, Itália, Líbano, Grécia, Ucrânia, Rússia, Polônia, Sérvia etc.

7. Desafios: a superação de uma Igreja étnica em solo brasileiro

Se o trabalho da maioria dos sacerdotes ortodoxos que chegou ao Brasil, sobretudo após as duas Grandes Guerras, se reduzia em atender as famílias da diáspora, que aqui chegaram fugindo das atrocidades, violência, fome e perseguição, reflexo imediato dos conflitos bélicos, atualmente a atuação pastoral desses padres apresenta desafios maiores.

Como os casamentos entre os descendentes não permaneceram endogâmicos, a repercussão dos matrimônios mistos entre famílias de diferentes laços étnicos e crenças religiosas também atingiu o modo de manifestar a fé cristã de vertente ortodoxa. Observou-se que a preocupação por se manter as tradições entre os filhos e netos estava não só na agenda dos párocos das comunidades ortodoxas, como na dos pais e mães que sentiam escorregar de suas mãos o controle e a permanência de seus filhos nas igrejas ortodoxas.

As diferentes Igrejas Ortodoxas para além do patrimônio litúrgico comum traziam e exercitavam em seus respectivos templos, a prática da língua de sua etnia e que facilmente era confundida qual marca exclusiva de pertencimento. Logo, nas paróquias ortodoxas do Patriarcado Ecumênico, o grego, para além de ser a língua oficial das celebrações litúrgicas era o idioma que as identificavam. Da mesma forma, o velho eslavo, refletia a pertença à Igreja do Patriarcado de Moscou tanto quanto era a demonstração do pertencimento étnico russo. O mesmo, acontecia com o idioma árabe nas paróquias antioquinas e o ucraniano nas paróquias da respectiva etnia. Com o aumento da família desvinculada de um compromisso forte com casamentos exclusivos com os descendentes, a religiosidade e as práticas devocionais cristãs ortodoxas como expressão de um pertencimento étnico único ficavam, por vezes, em segundo plano. Diante do desafio pastoral de se manter as tradições, malgrado a língua que se usasse, as orações, cantos, preces e pequenos ofícios litúrgicos, ou pelo menos parte deles, começavam a ser celebrados em português.

O uso frequente do idioma nacional em solo brasileiro demonstrava que as Igrejas Ortodoxas começavam a olhar para fora, deixando que a exclusividade em se atender as ovelhas de um rebanho específico,

fosse substituída pela inclusão. Mas nem todas as ovelhas do redil aceitaram as que chegavam. Contudo, a resistência por parte de alguns ortodoxos em receber novos fieis (e dentre esses os que não tivessem nenhum laço étnico) por vezes suava um paradoxo à catolicidade e missionaridade pelas quais toda Igreja de Cristo é fortemente caracterizada. Compreende-se, porem nesta recusa, um apego aos modos de pertencer a uma igreja que obedecia à uma lógica de identificação étnica. Seria parcial demais, contudo, aludir à abertura aos novos fieis a causa única de abdicação de práticas culturais e religiosas com forte acento étnico, uma vez que, parte dos descendentes foram os primeiros a abandonar uma religiosidade apegada demais às tradições culturais, em sua própria casa. Logo, no acolhimento aos novos, não só paira uma possível, imediata e promissora solução, como também se deixa registrado que a natureza da Igreja, independentemente de seu laço étnico, é universal, por isso, acolhedora, abrangente, inclusiva.

Com o esmorecimento da prática o idioma étnico e com a inclusão de fieis brasileiros à grei de comunidades ortodoxas, os sacerdotes que estavam a frente das paróquias se deparavam com uma outra dificuldade: a tradução dos textos litúrgicos para a língua portuguesa. Por não haver um modelo, o número de traduções dos textos litúrgicos surgiu tanto quanto eram as paróquias ou Eparquias. Em decorrência disso, as diversas versões da Divina Liturgia de São João Crisóstomo e dos muitos Ofícios, sem uma adequada revisão, facilitavam o aparecimento e a divulgação de erros, acréscimos, obliterações. Se em cada Eparquia há certa dificuldade em padronizar os textos, continua sendo praticamente mais desafiador lograr que se chegue a um acordo acerca de um texto padrão para as celebrações em todas as jurisdições.

A constante adesão de fieis brasileiros às comunidades ortodoxas faz questionar uma tênue confusão acerca do que seja, independentemente de ser grego, ucraniano, russo, polonês ou árabe, a identidade do cristão ortodoxo. Na África, por exemplo, inúmeras comunidades, sem vínculo étnico europeu, nascem e aderem à fé ortodoxa, e fazem uso de seu próprio idioma e melodias nas celebrações litúrgicas. O mesmo acontece nos Estados Unidos da América. Para que as Igrejas Ortodoxas lá se expandissem, o uso do idioma inglês tornou-se corriqueiro nas liturgias. Observa-se nisso o quanto as Igrejas Ortodoxas

presentes no Brasil poderiam se enriquecer com a enculturação; e que o medo de possíveis descaracterizações, é mito. Por causa da natureza e catolicidade da Igreja Ortodoxa, o pertencimento e vínculo a uma Paróquia ortodoxa deveriam acontecer sem a necessidade da existência de laços étnicos, uma vez que a Igreja de Jesus Cristo é inclusiva e não seletiva!

Um forte acento da Igreja Ortodoxa é sua prática litúrgica e espiritualidade monástica. Contudo, para que a liturgia seja celebrada aqui no país com os devidos objetos (cálices, alfaias, turíbulo, cruz, etc) e paramentos sacerdotais e episcopais se recorre à importação, uma vez que no Brasil não há quem os produza ou confeccione. Os recantos de oração, próprios dos monastérios, se faz ausente em nosso País, com exceção das Eparquias Ortodoxas da Servia e da Polônia que têm seus monges e monjas vivendo em seus claustros ou em pequenas comunidades cenobíticas. A Eparquia Ortodoxa Ucraniana (Patriarcado Ecumênico) tem seu monastério masculino estabelecido no Paraguai. Com isso, os templos para além de lugares da celebração da Divina Liturgia são por excelência os espaços do exercício do sagrado, da contemplação e veneração dos santos ícones e das relíquias de santos. Lá os fieis acendem suas velas, fazem suas orações, oferecem os pães, o vinho, o azeite e o trigo e contemplam a beleza da arte religiosa exposta.

8. Perspectivas: comunhão e colaboração para o bem da Igreja

As dificuldades expostas acima, longe de provocar sentimentos de desencanto com o futuro e imediato desânimo, mostram-se em desafios a serem vencidos em conjunto, em comunhão. E, talvez, o método para a superação dos problemas repousa na mútua colaboração entre as comunidades, alimentadas pelo revigoramento da cooperação recíproca. Quanto mais unido for um corpo, mais facilmente se vencem as moléstias. A comunhão entre as Igrejas, desde os primeiros séculos, visibilizava-se e materializava-se desde a reciprocidade das decisões tomadas em pequenas assembleias até a celebração de ritos feita em conjunto. Para tanto, antes das resoluções, o Espírito Santo, o Paráclito, Doador da Vida, a alma da Igreja de Jesus Cristo era evocado.

A oração e os momentos de espiritualidade em comum espelham que a Igreja é governada pelo Espírito Santo e que seus hierarcas são apenas frágeis instrumentos nas mãos de Deus. Porque se desejava que a Igreja crescesse, os Bispos deixavam-se invadir pela suave inspiração de Deus, resultante de uma experiência pessoal e profunda com o Santificador, mas que se desdobrava em uma sinodalidade de partilha da graça, em conjunto.

Imbuídas pelo desejo de crescimento da fé em Jesus Cristo e de sua Igreja, motivadas por um amor profundo a Deus que se deixa experimentar pela oração, por decisão da IV Conferência Pré-conciliar Pan-ortodoxa (realizada no Centro Ortodoxo do Patriarcado Ecumênico em Chambésy, Suíça, entre 6 e 12 junho de 2009), as Igrejas Ortodoxas presentes na América do Sul instituíram a “Assembleia dos Bispos Ortodoxos Canônicos”, em 2010. Presidida por S. Exma Revma Dom Athenagoras, Arcebispo e Metropolita Grego Ortodoxo do México, Venezuela, América Central e Caribe, a Assembleia aconteceu em 2010 na cidade São Paulo/Brasil; em 2011 na cidade Buenos Aires/Argentina; em 2012 na cidade de Caracas/Venezuela). Está prevista a realização da IV Assembleia na sede da Eparquia Ortodoxa Ucraniana, em novembro de 2013, na cidade de Curitiba-PR (Brasil).

Por três vezes os bispos ortodoxos latino-americanos experimentaram a colegialidade a nível regional, procurando resolver as questões mais urgentes: formação dos presbíteros, em terras latino-americanas; padronização das traduções dos ritos para o idioma local e o crescimento da consciência de pertença à Igreja Ortodoxa sem a condição de uma anterior pertença étnica grega, russa, ucraniana, polonesa etc.

Contudo, chega-se a conclusão que é preciso particularizar mais e sentir quais os desafios e perspectivas eclesiais da ortodoxia no Brasil. Como igreja latino-americana, a ortodoxia se organiza em Assembleias para avaliar e tratar de questões mais gerais. A Igreja não vive só das tradições culturais, ela se renova no tempo e no lugar de atuação, porque guiada pelo Espírito Santo. Para tanto é preciso também rezar e confiar na ação do Paráclito, na inspiração do Deus da Vida que em tudo age e faz novas todas as coisas.

Alentados pela ação de Deus, é salutar aprender com as discordâncias, crescer com as diversas opiniões, saber ler os sinais dos tempos

e ouvir Deus pela boca dos pequenos e dos que estão fora do redil. É na realidade concreta da comunidade e das capelas em que os fieis vivem, que se testa a fé cristã e que se avalia o quanto se está sendo fieis ao chamado que Deus faz. Sendo a Igreja inclusiva, é preciso abraçar a todos, sem distinções, sem rótulos, sem crachás, na língua e idioma do lugar, para que se glorifique e se louve a Deus com a alma e vida, e, não apenas, através de meras lembranças ou por amor à memória daquilo que os antepassados viveram. Se a fé é resultante de uma experiência pessoal, cada fiel ortodoxo ou católico em sua comunidade, em sua casa, no seu lugar de trabalho e estudos reflete uma realidade sua, pessoal, individual com Deus. A fé dos avós e dos pais foram experiências deles. Elas podem motivar, mas nunca substituir uma adesão à fé professada e recebida pelo Batismo. É preciso então que se busque uma experiência pessoal do Deus da Unidade, no tempo presente, no contexto exigente de cada dia, em que possa viver a ortodoxia da fé na catolicidade de uma só Igreja de Jesus Cristo.

Bibliografia

- BINNS, John. **Las Iglesias del Oriente**. Madri: Ediciones Akal, 2009.
- ALBERIGO, Giuseppe. **Les Églises après Vatican II. Dynamisme et prospective**. Paris: Beauchesne Éditeur, 2012.
- EUDOKMOV, Paul. **A divina liturgia explicada e comentada**. São Paulo. Paulus Editora, 1999
- FALASCA, Stefania. Onde está Pedro? In: **Revista 30 Dias na igreja e no mundo**. Ano V, N 2, fevereiro de 1990, p. 40-45
- FOUILLOUX, Etienne. Iglesias orientales católicas y uniatismo. In: - **Revista Internacional de Teología Concilium**. - Madrid : Verbo Divino, 1996
- HAMMAN, Adalbert-gauthier. Études patristiques - Méthodologie, liturgie, histoire, théologie. Beauchesne Éditeur, 2012.
- LARCHET, Jean Claud (Org.). **Grands spirituels orthodoxes du XXème siècle**. Lausanne: Éditions L'Age d'Homme, 2011
- MORINI, Enrico. **Os ortodoxos: o Oriente do Ocidente**. São Paulo, Editora Paulinas, 2005.
- POUDERON, Bernard; DUVAL, Yves-Marie. **L'historiographie de l'Église des premiers siècles**. Beauchesne Éditeur, 2012

RIBICHINI, Sérgio. Sulle tracce del mito. Dei ed eroi greci, tra archeologia e storia delle religioni. IN.: **Archeo**, n. 226, Abril 2007. Roma, Itália

SABATELLI, Michael. **A divina liturgia em rito bizantino eslavo**. São Paulo: Edições Salesianas, 1995.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

WARE, Kalistos. **La Iglesia ortodoxa**. Buenos Aires: Fontes, 2002.

Recebido em: 20/04/2015

Aprovado em: 09/05/2015